

AMBIENTE

Que futuro queremos para a Antártida, ou seja, para o mundo?

Já inaugurou no Museu de História Natural e da Ciência a exposição fotográfica "Antártica fora de equilíbrio" de Edward Longmire. Está patente até 27 de fevereiro.

Ana Pina
apina@jornaleconomico.pt

Não é novidade dizer que o "sexto continente", que não é um continente mas sim uma vastíssima massa de gelo com uma superfície na ordem dos 14 milhões de Km², não tem dono, apesar de 29 países com presença ativa neste território decidirem o seu presente e futuro.

Mas recuemos no tempo para perceber como a cobiça humana tem marcado indelevelmente o gelo que é sinónimo de vida e teima em derreter a uma velocidade cada vez mais preocupante.

A corrida ao Polo Sul

As expedições e competição entre nações para alcançar a região alimentaram narrativas e mitos nos séculos XIX e XX. Recorde-se que o capitão britânico James Cook lançou as fundações do mito quando, em 1770, após três anos a tentar encontrar o que se suspeitava ser um novo continente inóspito, desistiu de levar avante os seus intentos. Países como Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha estimularam viajantes a explorar o extremo Sul do planeta numa corrida semelhante à ida à Lua.

Entre 1901 e 1904, o britânico Robert Falcon Scott tornou-se um herói nacional ao bater o recorde de distância no interior da Antártida. Mais tarde, em 1910, Scott angariou fundos suficientes para financiar uma expedição que levaria os britânicos até ao Polo Sul, o ponto mais meridional do globo,

mas a expedição fracassou. Perdeu a corrida para os noruegueses liderados por Roald Amundsen, que atingiram o Polo Sul em 14 de dezembro de 1911.

Enquanto Amundsen apostou em cães para puxar os trenós, Scott resolveu levar trenós motorizados e póneis – estes tiveram de ser executados, pois não estavam habituados ao clima, ao passo que os trenós não funcionaram no frio antártico. Em 29 de março de 1912, o britânico Robert Falcon Scott escrevia as últimas palavras no seu diário: "O fim não deve demorar". Era o final trágico de uma expedição que deveria trazer glórias aos exploradores do Polo Sul. Morreu com dois companheiros de expedição numa pequena baraca, num deserto de gelo.

Das reivindicações às boas intenções

A partir da década de 1950, vários países estabeleceram estações de investigação científica na região. Chile, Argentina, Austrália, França e Reino Unido figuram entre os primeiros, seguidos mais tarde pelos Estados Unidos, pela União Soviética, Japão, Nova Zelândia e Noruega.

Durante o Ano Geofísico Internacional, de 1957 a 1958, foram criadas mais cinquenta estações, com o objetivo de promover o estudo científico cooperativo. Nessa altura, começou a surgir uma pequena indústria turística que inclui visitas às estações de investigação

científica e às colónias de pinguins.

O Tratado da Antártida, assinado a 1 de dezembro de 1959 em Washington, EUA, veio estabelecer um novo marco na relação com o território. O documento proíbe a mobilização e testes com armas de qualquer tipo, incluindo nucleares, bem como quaisquer intervenções de carácter militar. Além disso, invalida toda e qualquer reivindicação territorial no continente branco.

A fim de reforçar a cooperação internacional nas pesquisas científicas, o Tratado prevê a troca de informações relativas aos programas científicos, de pessoal entre as expedições e estações na região e dos resultados científicos alcançados. Tal como prevê a realização de inspeções que permitam verificar o cumprimento das disposições do Tratado.

Assinado originalmente por 12 países – África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, Estados Unidos, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Reino Unido e União Soviética (e depois pela Rússia) –, o documento entrou em vigor em 23 de junho de 1961. Atualmente, o Tratado conta com 50 Estados signatários, sendo o governo americano depositário do mesmo.

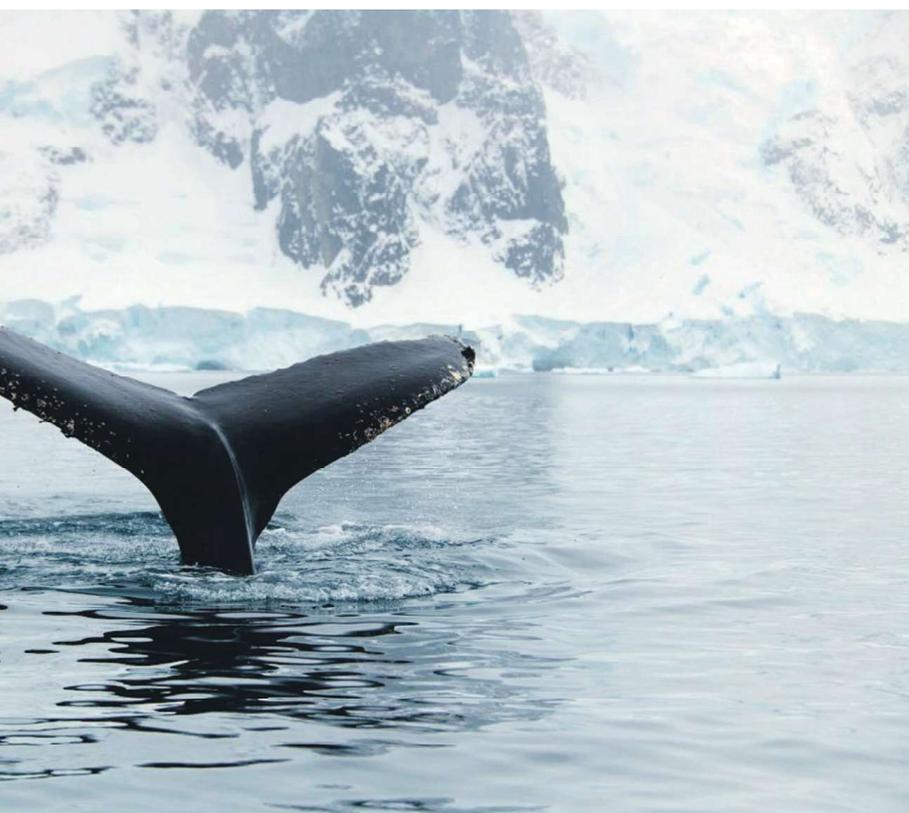
Em 1991, inaugurou-se um novo capítulo com a assinatura, em Madrid, de um protocolo de proteção ambiental vinculado ao Tratado. O Protocolo de Madrid entrou em vigor em 1998 e proíbe a mineração e a exploração de petróleo na Antártida durante 50 anos.

Edward Longmire, registou com a sua câmara as consequências visíveis das alterações climáticas neste território. Sem sair do navio para não provocar mais impacto





Cristina Bernardo



A proteção da flora e da fauna, o controlo do turismo, a prevenção da contaminação marinha e a eliminação dos dejetos está prevista em diversos textos, mas nem sempre isso tem acontecido. O acordo proíbe, ainda, as atividades que representem risco para a vida selvagem, como a utilização de pesticidas e a presença de cães.

O Protocolo de Madrid conferiu à Antártida o estatuto de “Reserva Natural Internacional dedicada à Ciência e à Paz”. Ou seja, a salvaguarda, a existir, no papel, pelo menos, tem uma data: 2048.

Alertar é preciso, proteger ainda mais

Todos os anos, cerca de 700 mil pessoas visitam o continente branco, oriundas dos quatro cantos do planeta. A maior parte vem de Ushuaia, na Argentina, e chega via marítima. São cerca de dois dias, aproximadamente, entre aquela cidade argentina e a Península antártica, através do Estreito de Drake – também chamado mar de Drake ou passagem de Drake –, conhecido por ser o mais revoltoso dos mares, com ondas que podem passar dos 12 metros, é a rota de navegação mais direta entre a América do Sul e a Antártida.

Será que uma imagem ainda vale mais de mil palavras?

Foi esta a travessia que o fotógrafo britânico radicado na República Checa, Edward Longmire, decidiu fazer em dezembro de 2018 para ver com os seus olhos e registar com a sua câmara as consequências visíveis das alterações climáticas neste território. E sem ter de aventurar-se pelo seu interior. Sem ter de sair do navio onde viajou. Sem provocar mais impacto que aquele que uma embarcação de pequeno porte causa. “Mixed feelings”, dirá quando questionado sobre se não é mais um a contribuir para o que é urgente evitar.

“Viajar não responde às perguntas que eu possa fazer; antes levanta questões e faz-me querer ir a novos lugares. Por exemplo, o facto de querer ir à Antártida levantou a questão da responsabilidade ambiental. Seria eu um turista responsável? Um dos maiores perigos na atualidade é o turismo, ou melhor, o turismo irresponsável. Mas por mais que se divulgue a importância de o proteger, creio que as pessoas têm memória curta e os diversos interesses em jogo acabarão por falar mais alto. Há muito dinheiro envolvido”.

No entanto, a ânsia de fotografar levou a melhor. E de mostrar o que viu também. A exposição “Antártica fora de equilíbrio”, que inaugurou a 16 de dezembro no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa, esteve inicialmente prevista para março de 2020. A pandemia de Covid-19 eclodiu. Este “território desconhecido” deixou o mundo em suspensão e adiou novamente a exposição para outubro de 2020. O desalento de um fotógrafo não evitou a subida da temperatura, nem que as calotas polares continuassem a derreter a um ritmo acelerado...

O que andei para aqui chegar... Edward Longmire, o jovem que iniciou o seu percurso profissional na City londrina, no setor financeiro, um dia decidiu que não era essa a vida que queria ter.

“Tinha 24 anos, vivia a City e tudo à minha volta girava em torno de dinheiro, dinheiro e mais dinheiro! Fiquei lá oito anos e depois decidi que não queria aquela vida para mim. Mudei-me para a República Checa e fui dar aulas de inglês”. Porquê a República Checa? “Porque era um país que precisava de professores de inglês. [sorriso] Na Europa Ocidental, a maior parte das pessoas aprende inglês na escola, mas essa não é a realidade na Europa de Leste, em particular se falarmos de uma geração mais velha. No meu caso, fui ensinar inglês a banqueiros – parece que gostaram do meu CV por ter trabalhado no setor bancário. Falava a «mesma língua»”.

Como surgiu a fotografia e o documentário na vida deste britânico? Para mais quando Praga tem uma referência na área do cinema, a FAMU. “Dei aulas durante os dois primeiros anos, até que me disseram que devia ir para a Escola Nacional de Cinema (FAMU) – e fui! Até porque tinha andado a fazer documentários nesse período e pensei, «porque não juntar estes dois universos?». Vivo em Praga há 20 anos e faço fotografia e documentário”.

“No fundo, vou-me apercebendo que é importante usar a minha paixão, i.e., a fotografia, como um meio para comunicar causas, como a salvaguarda e proteção da Antártida. E o meio ambiente em geral. E comunicar isso a pessoas que não têm interesse em viajar ou que não podem fazê-lo. Para mim, é uma forma de mostrar o que está mal no mundo”.

As ambições humanas sobre o território gelado pouco mudaram. É lá que estão as maiores reservas de água doce do mundo. A riqueza mineral do território também não é despicienda. E, não menos importante, as suas particularidades climáticas e biológicas são vitais para o equilíbrio do planeta e futuro da humanidade. Mas não só. O valor geoestratégico da Antártida é outra parcela relevante nesta equação.

Tal como não acredita que a COP26 vai salvar o mundo, apesar de considerar que aí se deram passos importantes, Edward Longmire também está ciente de que a sua exposição não irá mudar atitudes ou comportamentos. Mas continua convicto de que as suas fotografias poderão sensibilizar “uns quantos” para os desequilíbrios que todos os dias assolam a Antártida, fruto das alterações climáticas – leia-se, escolhas humanas. Se assim for, não é pouco. ■

“Antártica fora de equilíbrio” | “Antarctica : Out of Balance” pode ser vista até 27 de fevereiro no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa.